



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE LETRAS

CARMENDILCE SILVA SOUSA

**PRODUÇÃO TEXTUAL: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO
ARGUMENTATIVA EM TEXTO DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM UMA
ESCOLA ESTADUAL DE CASTANHAL-PA**

CASTANHAL, PA
2019

CARMENDILCE SILVA SOUSA

**PRODUÇÃO TEXTUAL: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO
ARGUMENTATIVA EM TEXTO DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM UMA
ESCOLA ESTADUAL DE CASTANHAL-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Licenciado em Letras (habilitação em Língua Portuguesa) na Faculdade de Letras do Campus Universitário de Castanhal, Universidade Federal do Pará.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Profa. MSc. Dione Márcia Alves de Moraes

CASTANHAL, PA
2019

CARMENDILCE SILVA SOUSA

**PRODUÇÃO TEXTUAL: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO
ARGUMENTATIVA EM TEXTO DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM
UMA ESCOLA ESTADUAL DE CASTANHAL-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado para obtenção do grau de
Licenciado em Letras (habilitação em Língua
Portuguesa) na Faculdade de Letras do
Campus Universitário de Castanhal,
Universidade Federal do Pará.
Área de concentração: Linguística
Orientadora: Profa. MSc. Dione Márcia Alves
de Moraes

Data de aprovação: 13 de maio de 2019

Banca Examinadora

_____ - Orientadora
Profa. MSc. Dione Márcia Alves de Moraes

Universidade Federal do Pará

_____ - Avaliador
Profa. Dra. Zilda Laura Ramalho Paiva

Universidade Federal do Pará

Para meus melhores: minha mãe, meu pai e
minha filha. Às minhas três (melhores) amigas e novas
educadoras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS, pois sem ele nada seria possível. Nos momentos mais difíceis ele sempre esteve do meu lado, me dando paciência, força, e coragem para que eu pudesse seguir em frente. Não foi fácil. Houve momentos em que pensei em desistir (principalmente em momentos de doenças), mas a vontade de chegar ao final foi bem maior. Com determinação, venci todos os obstáculos e aqui estou para entregar minha produção final. Obrigada meu DEUS!

À minha família que sempre acreditou em mim. Minha mãe e meu pai que direta ou indiretamente estiveram do meu lado. Tenho certeza que nunca esqueceram de mim em suas orações. À minha querida filha, que também acreditou em mim. Obrigada meu pai, minha mãe e minha filha que amo muito!

Aos meus irmãos e sobrinhos que direta ou indiretamente estiveram do meu lado, acreditaram, torceram e me acolheram em momentos difíceis. Saibam que o meu carinho por vocês é singular, e amo cada um com toda a força do meu coração. Obrigada a todos.

À minha turma. Obrigada, minha turma especial, letras 2014. A todos, sem exceção, tenham certeza que foram importante para o meu crescimento nessa etapa da minha vida. A nossa união foi determinante para chegarmos com êxito ao final. Quero aqui mencionar três companheiras, Rosidalva Silva, Edirlene Pantoja e Emanuela Pinheiro. Essas pessoas foram inseparáveis: dividimos tarefas e lutamos, e embora cada uma tivesse sua particularidade, fomos firmes e nunca desistimos. Sempre deu certo no final. Obrigada a todos - novos educadores.

Meus agradecimentos também vão para todo o corpo Docente da Faculdade de Letras, Alcides Fernandes, Dione Moraes, Ideval Velasco, José Guilherme, Marcos André, Marcus Vinícius, Sérgio Afonso e Zilda Paiva. Aos docentes temporários, André Aquino, Marisa Guedes e outros. Serei eternamente grata pelo aprendizado adquirido junto a vocês. Muito obrigada!

Dedico esse parágrafo para agradecer especialmente minha professora e orientadora Dione Marcia Alves de Moraes. Professora, muito obrigada por ter aceitado orientar meu trabalho, obrigada por ser essa excelente profissional, dedicada e atenciosa. Sei que me orientar deve ter sido uma das suas tarefas mais “difíceis”, mas quero dizer que você foi e sempre será uma das professoras que eu

admiro muito e que nunca à esquecerei. Serei eternamente grata. MUITO OBRIGADA!

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
ABSTRACT.....	08
LISTA DE FIGURAS (textos dos alunos)	09
LISTA DE QUADROS.....	10
INTRODUÇÃO	11
1. TEXTO E TEXTUALIDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	14
1.1 Texto.....	14
1.2 Textualidade.....	16
1.2.1 Coerência.....	18
1.2.2 Coesão.....	24
1.3 Artigo de opinião.....	32
1.3.1 Conceito e Características.....	32
2. METODOLOGIA E DESDOBRAMENTO DA PESQUISA.....	35
2.1 Natureza e tipo de pesquisa.....	35
2.2 Contexto da pesquisa.....	36
3. ANÁLISE.....	39
3.1 Características gerais dos dados.....	39
3.2 Discussões específicas de textos selecionados para análise.....	42
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
ANEXOS.....	54

RESUMO

No Brasil, nota-se que o domínio da Língua Portuguesa nos alunos das etapas finais do ensino básico tem sido algo problemático, o que se percebe quando os mesmos necessitam fazer as redações necessárias para a entrada no Ensino Superior, ou exigidas pelos concursos públicos. Ocorre que a dificuldade na produção textual dos alunos de Ensino Médio torna-se um grande empecilho, já que definirá, de certa forma, o futuro destes enquanto cidadãos e profissionais. Percebe-se, então, que um dos principais desafios para esses estudantes é a construção argumentativa de seus textos, o que requer a presença de dois elementos em seu conteúdo: a coesão e a coerência. Para que haja coesão e coerência nos textos, há a necessidade de saber aplicar adequadamente os conectivos, itens que servem para dar sentido a toda a argumentação exposta na produção escrita. Nesse sentido, a presente pesquisa teve como objetivo geral refletir sobre a construção argumentativa em textos de alunos de uma turma do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual de Castanhal/PA. Para alcançar esse objetivo, foi realizada uma pesquisa qualitativa interpretativa e de natureza aplicada. Utilizamos como aporte teórico estudiosos como Val (2006), Koch (1992; 1995; 2005), Travaglia (1990) e Geraldi (1997). Desta forma, ministramos uma aula sobre “conectivos textuais” para alunos de Ensino Médio da escola e os alunos fizeram uma atividade de “produção textual”, em que tiveram de escrever um artigo de opinião sobre o uso do celular em sala de aula, a fim de verificar se eles sabiam usar as conjunções corretamente. A partir dessa produção, foram escolhidos sete textos para uma reflexão geral e três textos para uma análise mais detalhada. Os resultados obtidos mostram, em linhas gerais, que: os alunos envolvidos nesta pesquisa, embora apresentem pontos de vistas em relação a determinado tema, possuem dificuldades em relação à construção argumentativa textual, devido não possuírem o domínio adequado do uso dos principais mecanismos de coesão e coerência – as conjunções. Portanto, consideramos baixo o domínio da escrita nas séries finais (3º ano do Ensino Médio).

Palavras-chave: Textos escritos. Construção Argumentativa. Conectivos.

ABSTRACT

The domain of the Portuguese Language in Brazil, by high school students, it's a problem, notably when they need to do the essay necessary to entering higher education, or to get a public office by contest. The difficulty to produce texts becomes a hindrance, already that they will need of this knowledge in the future as citizens, as professionals. It is observed that, one of the main challenges for these students it's just the argumentative construction of their texts, when they need to use two elements in the content: the cohesion and the coherence. To exist cohesion and coherence in the texts, it's necessary to apply properly the connectives, items that serve to give sense for all the argumentation expose in the written production. The goal of this search was reflect about the argumentative construction in texts written by students of 3rd years high school, in a public school of Castanhal/PA city. To reach this objective we'd perform a qualitative interpretive search, of an applied nature. We did use how to theoretical support authors as Val (2006), Koch (1992; 1995; 2005), Travaglia (1990) and Geraldi (1997). Therefore, we held a class about "textual connectives" for the high school students from that public school, and there was a "textual production", in the which they had to produce an opinion article, about cellphone uses at the classroom, in order to verify if they knew how to use the conjunctions correctly. We chose seven texts for a general analysis, and three texts for a detailed analysis. The analysis of the results showed that: the students surveyed have an opinion about the topic, but they have difficulties with textual argumentative construction, because they don't know how to use the cohesion and coherence elements correctly – the conjunctions. Therefore, we consider that is low the domain of the written by the students of 3rd years of high school.

Key-words: Written texts. Argumentative Construction. Connectives.

LISTA DE FIGURAS (textos dos alunos)

Figura 1	Texto 1	54
Figura 2	Texto 2	55
Figura 3	Texto 3	56
Figura 4	Texto 4	57
Figura 5	Texto 5	58
Figura 6	Texto 6	59
Figura 7	Texto 7	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fatores estabelecadores de coerência	19
Quadro 2 – Elementos gramaticais que expressam relação entre as partes do texto	25
Quadro 3 – Mecanismos responsáveis pela coesão textual	28
Quadro 4 – As principais conjunções (Coordenativas)	30
Quadro 5 – As principais conjunções (Subordinadas)	30
Quadro 6 – Adequação e conjunções utilizadas pelos alunos envolvidos na pesquisa	40
Quadro 7 – Conectivos utilizados no texto 01	43
Quadro 8 – Conectivos utilizados no texto 02	45
Quadro 9 – Conectivos utilizados no texto 03	47

INTRODUÇÃO

Quando refletimos acerca da prática de escrita dos alunos no Brasil, principalmente os do Ensino Médio, deparamo-nos com a dúvida em saber se estes estudantes estão sendo preparados, de fato, para enfrentar os desafios que irão encontrar ao longo de suas vidas – principalmente no que diz respeito às provas para admissão em universidades públicas e concursos. Sabe-se que, na maioria desses concursos, o domínio da escrita, por meio da redação, é um importante fator de peso para conquistar a vaga preterida, por isso é necessário que o aluno tenha a capacidade de redigir uma boa redação. Vale salientar ainda que o domínio textual da Língua Portuguesa também tem grande importância em relação a diversas situações cotidianas, por isso seu grande valor não se restringe somente aos pontos mencionados anteriormente, mas também é importante em ocasiões corriqueiras, através de variadas formas de comunicação.

Entendemos que um ensino satisfatório da disciplina de Língua Portuguesa nas escolas precisa contemplar uma ampla abordagem e compreensão acerca dos elementos que permeiam a coesão e a coerência textual, o que resultará em produções de textos mais organizados, para uma melhor compreensão por parte do receptor. Esse conteúdo auxiliará os alunos a expor suas visões críticas a respeito de uma diversidade de temas, possibilitando que seus pensamentos sejam impressos de modo compreensível na modalidade escrita. Portanto, é preciso esclarecer, nas aulas de língua materna, os aspectos que se encontram relacionados à análise da estrutura dos textos.

Nesse sentido, a nossa pesquisa justifica-se pela necessidade de averiguar de que forma produção textual de alunos do Ensino Médio tem sido trabalhada em uma escola pública estadual de Castanhal/PA, detectando ainda possíveis pontos de melhoria nas aulas de Língua Portuguesa da instituição abordada.

Após refletir sobre o modo de trabalhar o tema, pensou-se como desenvolver o assunto em forma de pesquisa, o que requer tópicos específicos e teóricos que sirvam para embasar os argumentos expostos. Como a principal atenção do trabalho volta-se para o texto, pautando-se nos elementos essenciais para uma boa construção argumentativa, a coesão e a coerência surgem também como pontos de grande importância para esse estudo.

Partindo dessas considerações, este trabalho possuiu como norteador o seguinte questionamento: Qual o papel dos conectivos na construção argumentativa dos alunos de Ensino Médio?

A partir dessa pergunta, a nossa pesquisa tem como objetivo geral a reflexão a respeito de como os alunos de uma turma do 3º ano do Ensino Médio, de uma escola pública estadual situada em Castanhal/Pa, usam os conectivos na construção argumentativa de seus textos, com os seguintes objetivos específicos:

- 1) Identificar as principais conectivos utilizados nos textos dos alunos;
- 2) Analisar a adequação dos mesmo nos textos produzidos;
- 3) Verificar a relação entre o uso dos conectivos e o domínio argumentativo desses alunos.

Para a consolidação deste trabalho, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, interpretativa e de natureza aplicada. Desse modo, foi aplicada uma atividade de produção textual, especificamente a produção de um artigo de opinião. Em seguida, tendo em mãos as produções textuais dos alunos, houve análise da estrutura, da utilização dos mecanismos de coesão e coerência, e dos principais conectivos (conjunções).

Para embasar essa pesquisa, foram utilizados os estudos dos teóricos Val (2006), Koch (1992; 1995; 2005), Travaglia (1990) e Geraldi (1997). No que se refere aos autores que serviram como base para desenvolver a metodologia da pesquisa, os escolhidos foram Lüdke e André (1986) e Nascimento (2016).

No que se refere à organização do trabalho, a primeira seção está voltada para a discussão teórica sobre os conceitos de texto e textualidade, destacando-se principalmente alguns elementos que são considerados responsáveis pelo sentido do texto, tais como a coerência e a coesão. Além disso, apresentam-se também algumas considerações sobre a modalidade textual “artigo de opinião”, junto de seus principais conceitos e características.

A segunda seção contém a apresentação de todos os procedimentos metodológicos utilizados durante a execução da pesquisa, descrevendo seu tipo e natureza, e o contexto em que a mesma pôde ser realizada, incluindo ainda uma explanação sobre os métodos utilizados no âmbito de sua aplicação.

Na terceira seção, mostra-se a análise dos dados, revelando finalmente a situação em relação à construção argumentativa nos textos produzidos pelos alunos

da turma com a qual se trabalhou. Nesse momento, pôde-se verificar se o uso dos conectivos por parte dos alunos foi adequado, destacando os principais resultados concernentes aos objetivos da pesquisa.

A conclusão salienta algumas reflexões provenientes a partir da obtenção do resultado da aplicação da pesquisa, com ênfase na necessidade de mais estudos na área aqui abordada, de modo que se possa ter uma visão mais clara acerca da produção textual de alunos da rede pública no país, além de pensar em maneiras para melhorar o ensino de língua portuguesa como um todo, tendo em vista a redução da problemática atual. Por fim, apresentamos todas as referências bibliográficas utilizadas para a construção do trabalho, e, nos anexos, apresentamos os textos dos alunos envolvidos na pesquisa.

1 TEXTO E TEXTUALIDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Atualmente, o constante aprimoramento da produção textual escrita nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio é uma tarefa extremamente necessária, levando em consideração o fato de que o domínio de tal tipologia textual (escrita) é fundamental para que o aluno venha a defender pontos de vista com bons argumentos. Isso é fator primordial no que se refere tanto à vida social do aluno quanto ao seu futuro profissional, esferas em que a capacidade de comunicação precisa ocorrer de forma clara e objetiva.

Tendo tal afirmação como ponto de partida, ao longo da pesquisa foram abordadas as noções pertinentes às discussões que envolvem o texto escrito e oral nas escolas de Ensino Médio. Desse modo, será possível ocasionar uma reflexão, sobretudo, referente ao modo como estão sendo desenvolvidas as produções textuais e a construção argumentativa dos textos.

1.1 Texto

No decorrer da vida, a produção de textos, orais e escritos, é algo que se manifesta e se perpetua como uma necessidade, pois é por meio dela que a comunicação vem a ser efetivada. Sendo assim, é indiscutível que as abordagens sobre o texto são sempre fundamentais, tendo em vista que uma série de elementos presentes no cotidiano está ligada a ele, como, por exemplo, as diversas produções textuais de autores que precisamos ler por inúmeras razões, além de documentos oficiais variados, em que quais necessitamos compreender determinado conteúdo.

Mas o que é realmente um texto? A definição de texto não está restrita a uma única orientação teórica: o texto é definido por diferentes concepções, como por exemplo, a linguística textual. Sendo assim, hoje, texto é definido e conceituado por uma extensa gama de pontos de vista.

A linguística textual (doravante, LT), possui como objeto de estudo a estrutura e funcionamento do texto. Considera-se que estudar o texto implica em estudar uma estrutura permeada de sentidos, objetivos e intenções diversas. Na perspectiva da LT, o texto é a materialização da língua, simbolizando então um ato de comunicação que está unificado em meio às ações humanas, como aponta Koch (2005).

A respeito da linguagem, entende-se que, ao falar ou escrever, o sujeito deixa marcas significativas em relação à sua vivência em sociedade, no contexto familiar e

na dimensão de seus conhecimentos de mundo. Sendo assim, o produtor textual também deixa vestígios de suas suposições a respeito do que seu interlocutor espera ler ou ouvir. Para tanto, considera-se o contexto social como um elemento essencial para a construção de sentido na esfera da comunicação. Nesse sentido, os autores consideram a linguagem (falada ou escrita) como uma forma de interação verbal, a qual consiste em um:

[...] conjunto das atividades que dois ou mais seres humanos realizam em conjunto, por ocasião da ocorrência de um acontecimento provocado pela sua presença, no mesmo local e ao mesmo tempo, quando se identificam mútua e reciprocamente como parceiros da troca de palavras e estão voltados ou orientados para um mesmo foco de atenção. (RODRIGUES, 2013, p. 15).

Desse modo, para que seja possível estabelecer a comunicação, é importante considerar uma interação entre produtor e receptor, momento em que é preciso priorizar todo e qualquer elemento que possa contribuir para a construção de sentido. No contexto sociocultural, também são constituídos os subsídios na construção semântica, produção e recepção, à medida em que os conhecimentos são compartilhados entre os interlocutores.

Como salienta Silva (2009, p. 2), a interação verbal é "uma tarefa presente indiscutivelmente na vida de todos nós, uma vez que toda ação humana procede de interação". Isso ocorre por meio do diálogo, visto como elemento fundamental em qualquer manifestação verbal da comunicação, oral ou escrita. Portanto, cabe dizer que essa troca de informações e expressão de ideias e sentimentos, possibilitada através da interação verbal, tem como essência fundamental a própria linguagem, a qual está atrelada ao ato e à capacidade de se comunicar, ou seja, de poder se dirigir a outras pessoas.

De acordo com as pesquisas de Val (2006, p. 3), o texto se trata de "uma ocorrência linguística falada ou escrita de qualquer extensão dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal", que se constitui por vários fatores pragmáticos que contribuem para a formação de sentidos, sendo reconhecidos como formas da língua. Nessa construção, os fatores pelo qual a autora se refere são inerentes ao ato de comunicação:

As intenções do produtor, os jogos de imagens mentais que cada interlocutor faz de si, do outro e do outro com relação a si mesmo e ao tema do discurso; e o espaço de perceptibilidade visual e acústica comum na comunicação face a face. (VAL, 2006, p. 4).

Ainda segundo a autora, o contexto sociocultural, onde se insere o discurso, também constitui subsídios na construção de sentido, na produção e recepção do texto, na medida em que os conhecimentos são compartilhados entre os interlocutores. Para Val (2006. p. 4), a segunda propriedade básica do texto reside no “fato de ele constituir uma unidade semântica”. Desse modo, em uma ocorrência linguística, para que um texto venha a ser constituído, é necessário que o receptor tenha percepção de todo o seu teor significativo.

O estudo sobre a produção textual busca entender, principalmente, as características que compõe um texto, sobretudo de como se estabelecem a coerência e coesão textual no mesmo, ou seja, verificando os mecanismos utilizados na construção de sentido e estrutura do texto escrito.

Em nossa contemporaneidade, fala-se muito do conceito de texto, seja ele escrito ou oral. Vale ressaltar que produzimos textos diversos no nosso dia a dia, visto que esse mecanismo de comunicação está pautado nos múltiplos autores, documentos oficiais, textos nas redes sociais, textos orais, entre outros. Ainda sobre as definições de texto, Koch (1992) afirma que:

Texto é uma ocorrência verbal constituída de elementos linguísticos organizados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação, de acordo com as práticas sócio-culturais. (KOCH, 1992, p. 22).

A partir dos conceitos desses autores, definimos texto como toda manifestação comunicativa da língua, que apresenta um sentido claro, de acordo com o conhecimento sócio comunicativo dos receptores. Diante do exposto, compreende-se que o texto é constituído por elementos linguísticos que devem ser perceptíveis ao interlocutor, de maneira que seja reconhecido como um todo coeso. A seguir, serão apresentados alguns elementos que são considerados responsáveis pelo sentido do texto, tais como a textualidade, a coerência e a coesão.

1.2 Textualidade

Na concepção de Val (2006), a textualidade é o elemento que faz com que um texto seja um texto, e não apenas um amontoado de frases. A pesquisadora

utiliza em seus estudos os autores Beaugrande e Dressler (1983), que propuseram o estudo da textualidade através de padrões centrados (coesão e coerência) necessários para que um texto possa ser considerado comunicativo, chamando atenção para as dificuldades de integração entre elementos linguísticos e não-linguísticos. Sendo assim, os teóricos anteriormente mencionados decidiram explicar a textualidade em três níveis:

- a) no *nível lógico-cognitivo* são estabelecidas as representações semânticas do texto;
- b) no *nível linguístico* é estabelecida a coesão textual através de procedimentos particulares como a pronominalização, a seqüencialização por conectores ou pelo uso dos tempos verbais, entre outros;
- c) no *nível contextual* ou *pragmático* é estabelecida a relação entre o texto e o contexto que o produziu. (VAL, 2006, p. 11).

Val (2006) defende que a condução do ensino de língua precisa estar pautada segundo a averiguação dos três níveis integrantes do texto e a ênfase no fato de que esses níveis são integrados e harmonizados pela força de argumentação da linguagem. Desse modo, de acordo com a estudiosa, o trabalho em sala de aula deve estar voltado para a compreensão dos vários sentidos criados no texto.

Por outro lado, segundo Koch e Travaglia (1995), a textualidade é o que faz com que uma seqüência linguística seja considerada um texto e não um embaralhado de palavras soltas. No entanto, um dos elementos primordiais da textualidade é a coerência, assim como a coesão, por isso, para que um texto seja considerado como tal, é importante que o produtor disponha de uma série de fatores linguísticos para a sua construção.

Percebe-se ainda que a escrita cumpre um papel social importante no que diz respeito à textualidade, por esse motivo, é importante considerar o que Geraldi (1997) afirma sobre o que deve ter em mente para escrever um texto em qualquer modalidade (oral ou escrita). Segundo o autor, para produzir um texto, é imprescindível que:

- Se tenha o que dizer;
- Se tenha uma razão para dizer o que se tenha a dizer;
- Se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- O locutor se constitua como tal enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou a imagem Wittgensteiniana, seja um jogador no jogo);
- E se escolha as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d). (GERALDI, 1997, p. 160).

A partir dessas considerações, entendemos que a realização dos quesitos selecionados só poderá ocorrer de forma satisfatória no contexto da fala/escrita. Assim, a condição do tema ou assunto vai depender dos conhecimentos do produtor a respeito de algo, e se for algo desconhecido, ele terá de desenvolver um processo de leitura, interação e pesquisas. Pelo contrário, não haverá texto, uma vez que o produtor não tem o que dizer.

No âmbito escolar, tal abordagem se fundamenta no momento em que o professor necessita trabalhar a produção e leitura de texto, conseqüentemente reconhecendo sua importância para a vida (escolar e acadêmica) dos alunos. É relevante que, para que se possa viabilizar práticas de ensino de produção escrita, por meio de concepções sobre a textualidade, é necessário chamar a atenção também para os fatores de extrema importância nesse percurso, como é o caso da coerência e coesão. Vejamos primeiro a coerência.

1.2.1 Coerência

Conforme enfatizam Koch e Travaglia (1990), a coerência é o elemento que faz com que o texto transmita sentido aos interlocutores, o qual deve ser entendido como interpretabilidade, propiciando a inteligibilidade do texto em um ato de comunicação, dando ao receptor a capacidade de extrair o sentido contido no texto. Os autores ressaltam que o sentido deve ser do todo, pelo fato de que a coerência é um fator global.

Já na perspectiva de Widdowson (1978, *apud* Koch & Travaglia, 1990), a coerência está ligada de maneira direta ao desenvolvimento dos atos ilocucionais através de proposições, o que permite a dedução de elementos implícitos e uma conseqüente interpretação. De acordo com ele, por meio da coerência, a dimensão pragmática, ou seja, a situação de fala que se concretiza entre os interlocutores, é fundamental para a construção de sentido de um texto.

Dessa forma, a coerência é, acima de tudo, a principal responsável pelo sentido do texto, por isso é considerada, por Val (2006), como o elemento fundamental da textualidade, porque está relacionada não somente aos aspectos lógicos e semânticos, mas também aos aspectos cognitivos, que são compartilhados com o interlocutor.

Nesse sentido, segundo Val (2006), o texto só poderá ser considerado coerente quando se apresentar, em sua forma conceitual, compatível com o conhecimento de mundo do interlocutor. Segundo a autora, o texto não tem um significado por si mesmo, de modo que a mesma considera que o sentido do texto será construído não apenas pelo produtor, mas também pelo receptor, que necessita dispor de conhecimentos para interpretá-lo. Assim, a autora afirma que o produtor aceita a participação do receptor na construção do sentido do texto e ressalta que o produtor conta com essa participação, pois:

A coerência do texto deriva de sua lógica interna, resultante dos significados que suas redes de conceitos e relações põe em jogo, mas também da compatibilidade entre essa rede conceitual – mundo textual – e o conhecimento de mundo de quem processa o discurso. (VAL, 2006, p. 6).

Em suas pesquisas, Koch e Travaglia (1990) discorrem sobre os elementos linguísticos (responsáveis pela ativação de conhecimentos armazenados na memória de um indivíduo) que são indispensáveis para que se estabeleça a coerência de um texto e que não funcionam de forma separada, pois cada um se relaciona a outros fatores. Os referidos elementos estão dispostos no seguinte quadro:

QUADRO 1 – FATORES ESTABELECEDORES DE COERÊNCIA

Elemento linguístico	Significado
Conhecimento de mundo	Inferências (estabelecimento de relação não-explicita entre elementos do texto) e informatividade (grau de previsibilidade da informação contida em um texto).
Fatores de contextualização	Elementos que situam o texto em uma dita situação comunicativa, que podem ser contextualizadores (local, data, elementos gráficos, etc.) e prospectivos (autor, título, etc.).
Conhecimento partilhado	Conhecimentos comuns entre o emissor e receptor que explicitarão o texto.
Intertextualidade	Conhecimento prévio entre outros textos.

Intencionalidade	Referente ao modo como o emissor usa o texto para perseguir e concretizar suas intenções.
Focalização	Concentração tanto do autor quanto do receptor em apenas uma parte do conhecimento
Consistência e relevância	Todo o conteúdo do texto não deve ser contraditório no que se refere ao assunto que está sendo exposto e os enunciados devem ser interpretáveis como relacionados a um mesmo tema.
Fatores pragmáticos	Situacionalidade (da situação para o texto ou do texto para a situação) e aceitabilidade

Fonte: KOCH & TRAVAGLIA, 1990.

De acordo com os autores, o *conhecimento de mundo* possui grande relevância durante a construção da coerência de um texto, pois se o receptor se deparar com informações desconhecidas, dificilmente irá descobrir o sentido do texto. Por exemplo, se acaso uma pessoa que não possui conhecimentos acerca de Matemática Financeira entra em contato com algum texto desta área não será possível que o mesmo pareça coerente para ela. Pelo contrário, o texto apresentado para esta pessoa será absolutamente abstrato por causa da falta de conhecimentos prévios sobre o assunto.

O conhecimento de mundo consiste na experiência adquirida por meio da vivência e os contatos com diversos acontecimentos ao nosso redor. Para tanto, esses conhecimentos não são armazenados de forma caótica em nossa memória, são organizados em blocos, o que os autores denominam de modelos cognitivos – que, segundo Koch e Travaglia (1990), são os *frames*, os esquemas, os planos, os *scripts* e as superestruturas ou esquemas textuais.

Ainda sobre essa linha de raciocínio, de acordo com os autores em questão, as *inferências* permitem ao receptor (leitor/ouvinte), por meio de seu conhecimento de mundo, estabelecer uma ligação entre elementos do texto que deseja compreender e interpretar:

Quase todos os textos que lemos ou ouvimos exigem que façamos uma série de inferências para podermos compreendê-los integralmente. Se assim não fosse, nossos textos teriam de ser excessivamente longos para poderem explicitar tudo que queremos comunicar. Na verdade não é assim: todo texto assemelha-se a um iceberg – o que fica à tona, isto é, o que é

explicitado no texto é apenas uma pequena parte daquilo que fica submerso, ou seja, implícito. Compete, portanto ao receptor ser capaz de atingir os diversos níveis de implícito, se quiser alcançar uma compreensão mais profunda do texto que ouve ou lê. (KOCH e TRAVAGLIA, 1990, p. 65).

A *informatividade*, para Koch e Travaglia (1990), interfere de modo decisivo na coerência dos textos, tendo como base a noção de que o entendimento será dependente da quantidade de informação veiculado por meio dele. Desse modo, os autores citam, três graus de informatividade, a saber: 1- se o texto conter somente informações previsíveis ou redundantes, o grau de informatividade será considerado baixo; 2 - O texto além de conter as informações esperadas ou previsíveis, conter informações inesperadas, o grau de informatividade será considerado maior; 3 – se o texto for totalmente imprevisível e inesperado, terá desse modo, o grau máximo de informatividade. Com uma boa parcela de conhecimentos em comum, o produtor e o receptor terão uma necessidade maior de explicitar o texto devido ao aparecimento de lacunas, o que pode se manifestar, por exemplo, por meio de inferências.

Os fatores de *contextualização*, desempenham um papel muito importante no estabelecimento da coerência, pois beneficiam a ancoragem do texto em determinadas situações comunicativas, cooperando para a localização do receptor diante do texto e para a decodificação da mensagem a ser repassada. Os fatores de contextualização são divididos em: *contextualizadores propriamente ditos* e *contextualizadores prospectivos*.

Os *contextualizadores propriamente ditos* referem-se a determinados tópicos presentes na produção, tais como data, local e elementos gráficos, ou seja, itens que auxiliam no momento em que é necessário situar o texto. Em relação aos *contextualizadores prospectivos*, tratam-se dos que avançam determinada expectativa acerca do conteúdo do texto.

Assim, estes fatores ligam-se a itens como título e autor, possibilitando que o leitor se situe em relação ao tema e no que tange à abordagem que está sendo proposta pelo autor. Um exemplo de contextualizador prospectivo consiste nas legendas de fotografias em revistas, pois à medida em que o leitor não consegue inferir sobre o conteúdo da imagem, tais contextualizadores auxiliam na compreensão da informação exposta.

O *conhecimento partilhado*, para os autores, representa o conhecimento que necessariamente será compartilhado com outra pessoa, lembrando que cada uma delas armazena conhecimentos individuais. Portanto, é necessário que o produtor e o receptor partilhem partes significativas de conhecimentos. Segundo Koch e

Travaglia, quanto maior for essa parcela, menor será a necessidade de explicitude do texto, pois o receptor será capaz de suprir as lacunas presentes.

A *intertextualidade* opera quando recorre-se ao conhecimento prévio de outros textos – por meio da forma ou conteúdo, na proporção em que, para o processamento cognitivo (produção e recepção) de um texto tal conhecimento seja necessário. Desse modo, a ocorrência da primeira se dá ao passo que o produtor repete termos, trechos e/ou enunciados, ou ainda o estilo de determinado autor ou discurso. Por exemplo, na Literatura, quando um autor faz em seu texto referências a ditados populares, há a utilização da intertextualidade, ou seja, uma conversa entre textos.

No que concerne ao conteúdo, para Koch e Travaglia, (1990), a intertextualidade é uma constante, isto é, os textos de uma mesma época, de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma cultura, etc., dialogam basicamente uns com os outros. A intertextualidade pode se apresentar de duas formas, a saber: implícita ou explícita. Na primeira ocorrência, é necessária,

A indicação da fonte do primeiro, como por exemplo, nos discursos relatados; nas citações e referências no texto científico; resumos e resenhas; traduções; retomadas da fala do parceiro na conversação face a face, etc. (KOCH e TRAVAGLIA, 199, p. 77).

No que diz respeito à intertextualidade implícita, segundo os autores, não é necessário a indicação da fonte, na qual, o recebedor deverá, de posse dos conhecimentos prévios, recuperá-la. Por outro lado, não será possível apreender todo significativo subentendido que o produtor tenta transmitir no texto. É o que ocorre, por exemplo, em textos de paródia musical, é necessário conhecer a canção que serviu como base para que se possa reconhecer a versão com caráter humorístico.

Em relação à *intencionalidade*, podemos dizer que tal critério remete ao que o autor pretende tratar durante todo o desenrolar do enunciado do texto. A intencionalidade liga-se diretamente à ideia de argumentatividade, conforme expõem Koch e Travaglia (1990), que defendem a ideia de que não há textos neutros, já que inevitavelmente sempre existe uma intenção por trás dos mesmos. Então, a argumentatividade permite os atos de persuadir e convencer, efetivando a intencionalidade idealizada pelo autor.

A *intencionalidade*, como também avaliou Marcuschi (2008), está relacionada aos objetivos que autor pretende alcançar, e traduz todo o esforço por parte de

quem produz o texto em comunicar-se de modo eficiente, além de ser capaz de produzir discursos coerentes e coesos. Nesse caso, pode-se citar como exemplo os textos produzidos para fins publicitários, pois o produtor se esforça para gerar uma comunicação eficaz, que faça com que os potenciais consumidores tenham interesse pelos itens mostrados.

No que diz respeito à *focalização*, esta tem relação com a concentração do produtor e do receptor em somente uma das partes do conhecimento exposto. As diferenças originadas a partir da focalização geram os problemas de compreensão. Os títulos dos textos, quando selecionam determinadas áreas de conhecimento de mundo, podem gerar expectativas e, por conseguinte, uma situação de focalização.

No que se refere à *consistência e relevância*, estes critérios se fundamentam na ideia de que os enunciados de um texto não podem ser contraditórios entre si, mas que possam ser considerados interpretáveis como relacionados a um mesmo tema. Como exemplo desses dois itens, pode-se citar as redações, na qual, o candidato apresenta discursos contraditórios (defende uma ideia em determinada passagem e, em seguida, defende outra totalmente oposta) e foge do tema, acrescentando informações irrelevantes referentes ao tópico texto.

Sobre os fatores pragmáticos da *intencionalidade* e da *aceitabilidade*, Val (2006) os avalia como os fatores mais importantes para que haja a comunicação. O primeiro se refere ao papel que o produtor desempenha na construção de um discurso capaz de transmitir o que realmente se propôs a escrever, um texto coerente e coeso. Não importa qual a finalidade a alcançar, seja em uma situação informacional, de defesa, de convencimento ou outras.

Nesse sentido, a intenção é que vai nortear a tessitura do texto. Desse modo, a intencionalidade é considerada por Koch e Travaglia (1990), como o fator de maior relevância na comunicação. Por outro lado, para Val (2006), o valor ilocutório do discurso, é o elemento de maior importância no jogo de atuação comunicativa.

Já sobre a *aceitabilidade*, a autora menciona a associação entre esse fator e a expectativa do receptor. Diante disso, o interlocutor deseja se deparar com um texto coerente e coeso, o qual seja capaz de contribuir na construção de conhecimento, ou até, de certa forma, desperte a capacidade de contribuir com a finalidade do produtor.

Baseando-se nos estudos de Beaugrande e Dressler (1983), Val (2006) apresenta a *Situacionalidade*, a qual é correspondente aos elementos que são

relevantes e pertinentes à situação do contexto comunicativo em que o receptor se encontra. Desse modo, para as autores mencionados:

O contexto pode, realmente, definir o sentido do discurso e, normalmente, orienta tanto a produção quanto a recepção. Em determinadas circunstâncias, um texto menos coeso e aparentemente menos claro pode funcionar melhor, ser mais adequado do que outro de configuração mais completas. Servem de exemplo as inscrições lacônicas das placas de trânsito mais apropriadas à situação específica em que são usadas de que um longo texto explicativo ou persuasivo que os motoristas se quer tinham tempo de ler. (VAL, 2006. P, 12-13).

Sendo assim, a união dos fatores mencionados anteriormente, resulta em uma série de circunstâncias para o contexto comunicativo. Beaugrande e Dressler (1983, *apud*, Val 2006), ressaltam que um discurso não vem ao mundo em uma inocente solicitude, mas constrói-se de um já-dito em relação ao qual ele toma posição. Sendo assim, o texto só terá sentido quando relacionado a outros textos, o qual, será compreendido dentro de um contexto.

Para entender um pouco mais acerca de tantos outros conceitos envolvidos nas discussões relacionadas à produção textual, torna-se necessário compreender o conceito de coesão e a relação existente entre este e a coerência.

1.2.2 Coesão

Segundo Val (2006), compreende-se como coesão a manifestação linguística da coerência advinda do modo como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície do texto. Dessa forma, a coesão é responsável pela integração das partes do texto, isto é, pelo sentido de harmonia, o que contribui para tornar o texto claro e compreensível, sendo construída por formas gramaticais e lexicais. Vejamos no quadro abaixo alguns elementos que expressão relação entre as partes do texto e que devem ser considerados tanto no interior de uma frase, quanto em uma sequência ou entre as frases:

QUADRO 2 – ELEMENTOS GRAMATICAIS QUE EXPRESSAM RELAÇÃO ENTRE AS PARTES DO TEXTO

Elemento gramatical	Significado
Anáfora	Repetição de uma palavra ou grupo de palavras no início de duas ou mais frases sucessivas, para enfatizar o termo repetido.
Pronomes	Palavras que substituem o substantivo (nome) e indicam a pessoa do discurso e situam no tempo e espaço, sem utilizar o seu nome.
Elipse	Supressão de um termo que pode ser facilmente subentendido pelo contexto linguístico ou pela situação.
Concordância	Modo em que se organiza uma frase conforme os demais termos.
Correlação entre tempos verbais	Coerência entre as formas verbais expressas no discurso propriamente dito.
Conjunções	Palavras invariáveis que servem para conectar orações ou dois termos de uma mesma função sintática, estabelecendo, entre eles, uma relação de dependência ou de simples coordenação.

Fonte: VAL, 2006.

Diante disso, a coesão textual se constitui mediante esses elementos pela reiteração, substituição e associação. Nesse sentido, a reiteração estabelece-se pela repetição de termos anteriores, do mesmo modo que, pelas regras, é retomada por um elemento cognato.

A reiteração está relacionada às situações de coesão lexical em que se pode perceber a intenção do autor em remeter a um elemento já citado anteriormente no texto. Isso pode ser posto em prática por meio da repetição de itens, de palavras sinônimas, de metonímias, de hiperônimos e hipônimos, de nominalizações, de antonomásias ou de palavras de sentido geral. Exemplo de reiteração do mesmo item lexical, a qual ocorre quando há repetição de um termo já utilizado na oração: “O incêndio acabou com tudo. A *casa* ficou totalmente destruída. Da *casa* não restou absolutamente nada”. Nesse exemplo, observamos a repetição do léxico “*casa*”.

No que concerne à substituição, a autora cita como exemplo a sinonímia, metonímia (quando o termo substituído representa uma parte ou um elemento e o substituidor representa o todo ou a classe, como, por exemplo, *ônibus/veículo*) e hiperonímia (quando o termo substituído representa o todo ou a classe e substituidor, uma parte ou um elemento, tais como *objeto/caderneta*). Exemplo de substituição com uma pró-forma (elemento gramatical representante de uma categoria) adverbial: “Minha amiga russa não irá ao Rio de Janeiro no carnaval. *Lá* faz muito calor nessa época”. Nesse exemplo, *Rio de Janeiro*, foi substituído pelo advérbio de lugar “*Lá*”.

Por fim, o processo de associação estabelece a relação dos itens lexicais do mesmo plano cognitivo, por exemplo, quando referimo-nos ao termo *aniversário*, na sequência podemos relacionar a outros termos como “bolo e presentes”, os quais fazem referência a uma festa de aniversário. As associações semânticas surgem no exemplo a seguir, onde o termo “assaltos” nasce na frase associado ao termo “violência”: *Belém é sempre vítima dos roubos. Os assaltos prejudicam os habitantes, ocasionando uma onda de violência na cidade.*

Em suas publicações, Koch e Travaglia (1990) estabelecem também uma relação entre coerência e a coesão. Segundo os autores, a coerência se relaciona com a coesão, por ser entendida pelas ligações, relações e anexos que se formam entre os elementos constituintes na superfície textual. Entretanto, diferente da coerência, a coesão é perceptível pelas marcas formais e linguísticas na superfície do texto, por se tratar de uma unidade que é responsável pela sequência organizacional do texto.

Os referidos autores apresentam ainda duas categorias de coesão, a saber: coesão referencial e a coesão sequencial. Segundo eles, a coesão referencial é o processo que se estabelece entre dois ou mais itens textuais e que se remetem a um mesmo referente. No entanto, constitui-se por meio de dois recursos linguísticos:

- a) a substituição – quando um componente da superfície textual é retomado (anáfora) ou precedido (catáfora) por uma pró-forma (pronome, verbo, advérbio, quantificadores que substituem outros elementos do texto). Há também a substituição por (Ø) que é a elipse.
- b) a reiteração que se faz através de sinônimos, de hiperônimos, de nomes genéricos, de expressões nominais definidas, repetição do mesmo item lexical, de normalizações. (KOCH e TRAVAGLIA, 1990, p. 41).

Na coesão sequencial, os autores apontam dois procedimentos: a recorrência e a progressão:

A sequenciação por recorrência (ou parafrástica) é obtida pelos seguintes mecanismos: recorrência de termos, de estruturas (o chamado paralelismo), de conteúdos semânticos (paráfrase), de recursos fonológicos segmentais e suprasegmentais (ritmo, rima, aliteração, eco, etc.), de aspectos e tempos verbais. (KOCH; TRAVAGLIA, 1990, p. 41).

Concordando com Travaglia, Val (2006) afirma que a coesão e coerência têm as seguintes características em comum: promovem a inter-relação semântica por meio da conectividade textual; no que se refere à coerência, está relacionada aos anexos entre os conceitos, enquanto que a coesão se refere ao que a autora chama de expressão desse anexo, na superfície linguística. A autora ressalta que o anexo é importante para que uma sequência de frases seja considerada texto e diz que esses elementos, não necessariamente, precisam estar explícitos na superfície textual, por recursos gramaticais.

Nesse sentido, a autora salienta que a coesão se constrói não apenas do ponto de vista gramatical, mas pelo processo semântico-cognitivo. Desse modo, uma sequência frasal, ainda que interligada por elementos linguísticos, que não corresponde às relações efetivas estabelecidas em uma estrutura lógico-semântico-cognitiva subjacente não seria considerada um texto.

Ainda segundo ela, embora o texto disponha de elementos lexicais coesivos interfrasais, como os artigos definidos e o articulador, não é capaz de assegurar a textualidade em uma sequência, por não funcionar como o todo significativo. A partir dessa exposição, temos a percepção de que o texto depende dos elementos gramaticais, bem como a participação semântico-cognitivo do receptor:

É inegável a utilidade dos mecanismos de coesão como fatores da eficiência do discurso. Além de tornar a superfície textual estável e econômica, na medida em que fornecem possibilidades variadas de se promover a progressão do texto, também permitem a explicação de relações que implícitas poderiam ser de difícil interpretação, sobretudo na escrita. (VAL, 2006, p. 8-9).

Concordando com o ponto de vista exposto anteriormente, Koch e Travaglia (1990) afirmam que a coesão, ainda que contribuindo com a coerência, não é suficiente para estabelecer a total coerência de um texto. Desse modo, Charolles (1989) não considera a coesão necessária e nem o bastante para garantir que a coerência venha a ser, de fato, estabelecida. Ressalta ainda que haverá sempre a necessidade de recorrer a recursos extralinguísticos, conhecimento de mundo, a participação do interlocutor, dentre outros elementos.

Para contribuir com a discussão, Koch (2005) faz a seguinte afirmação:

Se é verdade que a coesão não constitui condição necessária e nem suficiente para que um texto seja um texto, não é menos verdade, também, que o uso de elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõe. [...] Concluindo, pode-se afirmar que o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual. (KOCH, 2005, p.18).

A coesão, segundo Koch e Travaglia (1990), que se basearam nos estudos de Widdowson (1978), consiste no processo por meio do qual as frases – ou partes delas – estão conectadas, de forma que esteja assegurado o desenvolvimento proposicional, que é revelado por meio de índices formais sintáticos, sem voltar-se para o âmbito pragmático. Em outras palavras, a coesão está ligada diretamente aos aspectos gramaticais. Entendido isso, é preciso conhecer os recursos de coesão.

A coesão textual, como já explanado ao longo desta discussão, é responsável pela integração dos itens lexicais da superfície do texto, desempenhando a função de manter a harmonia, e assim tornando o texto claro e facilitando a compreensão. Apoiando-se nos estudos de Halliday & Hansan (1976), Koch (2005) discorre sobre os cinco mecanismos responsáveis pela coesão textual, os quais são mais bem explicitados no seguinte quadro:

QUADRO 3 – MECANISMOS RESPONSÁVEIS PELA COESÃO TEXTUAL

Mecanismo	Tipos
Referência	Situacional, textual, pessoal e comparativa
Substituição	Nominal, verbal e frasal
Elipse	Nominal, verbal e frasal
Conjunção	Aditiva, adversativa, causal, temporal e continuativa
Coesão lexical	Reiteração e colocação

Fonte: KOCH, 2005, p. 18.

Para Halliday & Hansan (1976), que serviram como suporte para o texto de Koch (2005), os elementos de referência envolvidos no conteúdo referente à coesão textual não podem ser interpretados isoladamente, ou seja, necessitam de outros

itens do discurso para que ocorra a interpretação. Os autores denominam os elementos de referência como pressupostos e pressupostos.

Conforme dito pelos autores, a referência pode ser: situacional (exofórica) e textual (endofórica). A referência situacional exofórica realiza-se quando ocorre a remissão de algum elemento do contexto comunicativo (quando o referente está fora do texto). No segundo ocorre quando o referente está dentro do texto. Sendo assim, no momento em que o “referente precede o item coesivo, tem-se anáfora; se vem após ele, tem-se a catáfora” (KOCH, 2005. p. 19).

A referência pessoal é desenvolvida por meio dos pronomes pessoais e possessivos. No caso da referência demonstrativa, ela realiza-se pelos pronomes demonstrativos e advérbios de lugar. Por fim, a referência comparativa é utilizada diretamente por intermédio de identidade e similaridade.

Em relação ao aspecto referente à substituição na coesão, nomes, verbos e frases podem ser substituídos, para que sejam retomados termos já enunciados por meio da anáfora. Exemplo: “*Meus filhos* foram advertidos por causa de sua desobediência. Caso isso volte a ocorrer, *eles* ficarão de castigo” (evitando-se ainda a repetição da palavra “*meus filhos*”).

No caso da coesão textual por elipse, nomes, verbos e frases podem sofrer uma omissão, o que é efetivado sem haver comprometimento da clareza das ideias contidas na oração. Vejamos um exemplo hipotético: “João rega as plantas e ao mesmo tempo [*João*] colhe as maçãs.” (não foi preciso repetir o nome de João).

A coesão textual por conjunção torna possível a existência de relações entre os termos do texto por meio do emprego adequado de conjunções aditivas, adversativas, causais, temporais e continuativas. Exemplo: “Como não consegui ingressos, não fui ao teatro, *porém* assisti ao recital pela internet” (o uso das conjunções de maneira correta fez com que a oração apresentada pudesse estar devidamente coesa).

Bechara (2015) define as conjunções como coordenativas e subordinativas. Assim, a primeira reúne as orações referentes ao mesmo campo de significação, ou seja, são enunciados independentes, que podem aparecer separadamente. De acordo com o autor, as conjunções coordenativas são de três tipos, a saber: aditivas, adversativas e alternativas, conforme o quadro a seguir:

QUADRO 4 – AS PRINCIPAIS CONJUNÇÕES (COORDENATIVAS)

--	--

Ideias que expressam	Exemplos de conjunções
Adição	E, também, além de, ainda, bem como, nem.
Alternativa	Ou, ora... ora; quer...quer, seja...seja, ou então;
Adversativa	Mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, embora, ainda que, posto que, apesar de, a despeito de, etc.

Fonte: BECHARA, 2015.

Sendo assim, as conjunções aditivas indicam que as orações estão ligadas em uma relação de adição. Por exemplo, “Maria foi à praça e tomou sorvete”. Enquanto que as alternativas, expressam ideia de alternância, escolha, opção, ou seja, são acontecimentos independentes. Exemplo: “*Ora* chove, *ora* faz sol”. Por fim, as conjunções adversativas, expressam a ideia de oposição, entre elas. Exemplo: “Tentamos realizar a prova, *mas* não foi possível.”

Por outro lado, as conjunções são classificadas como subordinativas quando se ligam por dependência, isto é, uma depende da outra para completar o sentido. No quadro a seguir, apresentaremos as principais conjunções subordinativas:

QUADRO 5 – AS PRINCIPAIS CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

Ideias que expressam	Exemplos de conjunções
Finais	Para que, a fim de que, com o propósito de, com a intenção de, com o feito de, com o intuito de, com objetivo de;
Conclusão	Logo, portanto, então, assim, por isso, por conseguinte, pois, de modo que, em vista disso, dessa forma, sendo assim;
Conformativa	De acordo, segundo, para; como; conforme.
Concessão	Embora, conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, se bem que, por mais que, apesar de que, etc.
Causal	Porque, uma vez que, como, já que, desde que, por causa de, em vista de, em virtude, em consequência de, por motivo de, por razões de;

Fonte: BECHARA, 2015.

Assim, as conjunções finais expressam a finalidade, a intenção da expressão na oração anterior. Por exemplo: “José fez sinal *para que* todos fizessem silêncio.” No que se refere às conjunções conformativas, expressam um fato em conformidade com o que foi expresso anteriormente. Por exemplo: “*Conforme* o combinado, faremos o trabalho amanhã”. Em relação às conjunções causais, elas indicam causa, consequência ou razão do pensamento principal. Vejamos um exemplo: “Marília não viajou *porque* ficou doente”. No que se refere às conjunções conclusivas, elas expressam a ideia de conclusão, ou seja, concluem o pensamento anterior. Exemplo: “Pedro está doente, *logo* não irá a escola.”

Por fim, a coesão lexical se dá por meio da reiteração e a colocação. A reiteração, segundo a autora, realiza-se por intermédio da repetição do mesmo elemento lexical, ou por meio de hiperônimos ou nomes genéricos. Nos exemplos a seguir é possível visualizar tais situações:

a) O governador viajou para Belo Horizonte. O governador levou consigo alguns membros de seu comitê. (Mesmo item lexical);

b) O vestido havia sido perdido. A roupa possuía grande valor sentimental para Alice. (Hiperônimo: a roupa designa o gênero do qual o vestido é espécie).

Em seu estudo, Koch (2005) cita ainda o caso da *colocação ou contiguidade*, o qual a autora afirma tratar-se de um elemento proveniente de termos pertencentes ao mesmo campo de significação. Sendo assim, consiste em um mecanismo de coesão que se fundamenta na colocação de sinônimos no texto com a intenção de evitar a repetição de palavras no mesmo, retomar a ideia/tema central do texto e colaborar para a progressão textual, como exposto no exemplo abaixo:

a) Um garoto saiu correndo. O menino estava bastante apressado. (Sinônimo).

Sendo assim, entende-se que a coesão é essencialmente importante durante a construção de textos, de forma que torna possível um bom desencadeamento de ideias, o que é fundamental para que o leitor consiga compreender de modo amplo aquilo que o autor escreveu.

A seguir, apresentaremos algumas considerações sobre a modalidade textual “artigo de opinião”, bem como os principais conceitos e características.

1.3 Artigo de opinião

É inegável que, no momento em que se tenta argumentar a respeito de um tema, é comum dentro da sociedade observar discursos controversos e opiniões polêmicas. Entretanto, tal situação é absolutamente normal, levando em consideração os debates sobre assuntos que envolvem o interesse coletivo.

No cotidiano, é muito comum a presença de textos que refletem e expõem o ponto de vista de alguém em relação a determinado tema. Dessa maneira, estes textos servem como um meio para conhecer o posicionamento dos autores acerca de algum assunto que seja atual e pelo qual muitas pessoas se interessem, o que oportuniza discussões e debates sobre o conteúdo abordado e exposto. Uma das formas mais importantes para esse tipo de produção textual é o *artigo de opinião*. Para entender mais sobre a função desse tipo de texto, é preciso conhecer de antemão seu conceito e suas características.

1.3.1 Conceito e características

O conceito de artigo de opinião é o de um texto dissertativo-argumentativo, no qual o autor objetiva abordar temas específicos (que despertem o interesse de muitas pessoas), incluindo a visão do produtor a respeito do assunto tratado. Todas as opiniões proferidas pelo autor neste tipo de artigo precisam estar bem fundamentadas e sustentadas por meio de informações coerentes.

Geralmente os artigos de opinião permitem o surgimento de uma série de polêmicas, pois à medida em que os leitores os leem, é natural que formem também uma opinião o tema abordado, o que nem sempre converge com o que o autor escreveu, sendo um texto de cunho mais subjetivo e formado a partir de seus próprios pontos de vista.

Segundo Uber (2008), um artigo de opinião serve para discutir questões que podem estar direcionadas a vários temas, que podem ser políticos, sociais, culturais, científicos, de interesse geral e contemporâneo, que afetam de forma direta ou indireta muitas pessoas, por meio de um fato ocorrido e noticiado. Como resultado disso, surgem as polêmicas, ou seja, o debate em torno de um tema ainda permeado de controvérsias na sociedade.

No que tange à estrutura, o artigo de opinião pode ser dividido em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução, o autor deve apresentar a

temática de forma contextualizada, a questão a ser discutida e sua relevância. Em relação ao desenvolvimento, a parte mais extensa do texto, na qual o autor inicia a discussão, expõe seus argumentos, defendendo sua posição em relação ao tema, e, além disso, faz considerações a respeito do ponto de vista contrário, também utilizando argumentos contextando a posição que diverge da sua. Por fim, há a conclusão, na qual o autor retoma a ideia defendida e apresenta possíveis soluções para o problema discutido.

Como principais características desse tipo de texto, Bräkling cita:

- Uso da argumentação e persuasão
- Textos escritos em primeira e terceira pessoa
- Geralmente são assinados pelo autor
- São produções veiculadas nos meios de comunicação
- Possuem uma linguagem simples, objetiva e subjetiva
- Escolha de temas da atualidade
- Possuem títulos polêmicos e provocativos
- Contém verbos no presente e no imperativo. (BRÄKLING, 2002, p. 32).

A principal função de um artigo de opinião é informar e, ao mesmo tempo, persuadir os leitores em relação a determinado assunto. Por isso, é muito comum sua presença em jornais, revistas, programas de TV e vários outros recursos midiáticos e meios de comunicação disponíveis atualmente, ao alcance de todos.

Seu principal recurso retórico é o da argumentação (mecanismo essencial para convencer o leitor sobre as ideias presentes em seu conteúdo) e marca presença constante em provas de concursos público e vestibulares devido ao fato de tratar de temáticas mais recentes em discussão na sociedade (BOFF, 2009). Em relação ao uso de artigos de opinião,

nas aulas de Língua Portuguesa pode ser um caminho para alcançar com maior eficácia os objetivos do ensino de língua materna. É com o uso do texto que se estabelece a comunicação, ampliam-se ideias e pontos de vista, garantindo-se um melhor entendimento da sociedade e, conseqüentemente, o aperfeiçoamento das relações que nela se estabelecem (BOFF et al, 2009, p. 1).

Sendo assim, ao analisar a temática é interessante levar os artigos de opinião para a sala de aula de modo que os alunos possam construir suas próprias argumentações a respeito dos temas abordados nesse tipo de texto.

Acerca do contexto de produção de artigos de opinião, segundo Uber (2008), há sempre uma intenção do autor no momento da escrita, e tal propósito está direcionado às pessoas que irão ler o texto. Por isso, ao produzir um artigo de

opinião, o autor visa apresentar aos leitores uma imagem de si próprio, "mostrando seus conhecimentos sobre o tema tratado, através da razão e da lógica, sustentando sua posição" (p. 12).

Especificamente no Brasil, o artigo de opinião serve como tema de discussão no âmbito de ações educativas de cunho governamental, tal como no caso do programa *Olimpíada de Língua Portuguesa – Escrevendo o Futuro*, responsável pelo desenvolvimento de ações, voltadas para a formação de professores, com o propósito de colaborar para a melhoria do ensino de leitura e escrita nas escolas públicas do país. Sendo assim, a iniciativa disponibiliza aos professores sobre o uso do artigo de opinião na Olimpíada e cotidianamente em sala de aula.

A professora Ana Luiza Garcia define que os melhores artigos de opinião, para fazer com que o interesse dos alunos seja despertado, de modo que eles queiram participar do programa, são os que envolvem questões que importem ou façam alguma diferença para o estudante. De acordo com a professora, "algo que o mobilize a escrever, argumentar, defender um ponto de vista" (2010). Segundo ela, o tema de um artigo de opinião pode ser qualquer um, desde que seja polêmico e tenha relevância social, pois isso faz com que o autor precise assumir uma posição sobre a questão em debate, utilizando argumentos convincentes.

O artigo de opinião pode ser considerado como um texto bastante eficiente nas aulas de Língua Portuguesa, já que promove a interação entre os indivíduos, todavia, para que de fato isso ocorra é muito importante um real conhecimento do tema por parte do professor, além de conhecimento da função do processo argumentativo na organização do discurso, e de uma atitude engajada com o seu fazer pedagógico.

Na próxima sessão, apresentaremos a metodologia utilizada para nortear esta pesquisa.

2. METODOLOGIA E DESDOBRAMENTO DA PESQUISA

Para o desenvolvimento de uma pesquisa, um dos pontos de maior relevância consiste na metodologia. Na presente sessão descreveremos os procedimentos utilizados para a consolidação do trabalho. Para nortear nossa metodologia, utilizaremos os estudos de alguns autores, a saber: Lüdke e André (1986), Erickson (1986), Nascimento (2016). Nessa perspectiva, este capítulo aborda a natureza e tipo de pesquisa, contexto da pesquisa e método e instrumentos utilizados para a realização da pesquisa.

2.1 Natureza e tipo de pesquisa

Esta pesquisa pode ser classificada como qualitativa e interpretativa, de natureza aplicada. A pesquisa qualitativa, de acordo com Lüdke e André (1986, p. 11), “tem o ambiente natural como sua fonte direta e o pesquisador como seu principal instrumento.” No caso do trabalho aqui realizado, a classificação da pesquisa como qualitativa ocorre devido ao fato de que a compreensão da situação abordada deve ser melhor compreendida mediante a análise dos dados obtidos. Sendo assim, ao final da pesquisa, surge uma complementação de informações advindas do contato do pesquisador com o ambiente de aplicação do estudo, nesse caso, uma escola pública.

Erickson (1986) utiliza a terminologia interpretativa para caracterizar o tipo de pesquisa que busca intensificar a compreensão dos fatos por diferentes aspectos. Nesse sentido, a presente pesquisa também é considerada como interpretativa, já que a contemplação do trabalho resultante da investigação permite que o leitor tome uma posição sobre aquilo que leu. Além disso, o pesquisador se dispõe a interpretar os dados coletados em um determinado contexto, nesse caso, o contexto escolar. Desse modo, é importante ter bastante atenção no momento de coletar os dados, já que no âmbito da pesquisa,

O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas; e de depoimentos fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos. Citações são usadas para subsidiar uma afirmação ou um ponto de vista. Todos os dados da realidade são considerados importantes. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 12).

O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas, ou seja, na prática (LÜDKE e ANDRÉ 1986, p. 12). Para tanto, faz-se necessária a realização de uma pesquisa de natureza aplicada, que, no ponto de vista de Nascimento, está voltada para a “geração de conhecimento para solução de problemas específicos, é dirigida à busca da verdade para determinada aplicação prática em situação particular” (2016, p. 75). A presente pesquisa pode ter sua natureza classificada como *aplicada* porque o alcance de seus resultados e sua conclusão depende da aplicação prática na escola pública.

2.2 Contexto da pesquisa

No que tange ao contexto da pesquisa, a coleta do corpus em questão foi realizada no âmbito da disciplina de Estágio Supervisionado II, que ocorreu sob a orientação das professoras Dione Marcia Alves de Moraes e Karina Paraense Monteiro. O local selecionado para a aplicação prática da pesquisa foi uma escola pública estadual situada no município de Castanhal-PA, localizada próximo a região central da cidade. De acordo com informações fornecidas pela coordenadora da escola, a instituição possui 1.518 (mil quinhentos e dezoito) alunos matriculados.

Para a pesquisa em pauta, foi cedida uma turma – C – do 3º ano do Ensino Médio do turno da noite. Essa turma, de acordo a professora, tem cerca de 25 a 30 alunos matriculados, que pertencem à faixa etária entre 16 e 34 anos. Entretanto, nas aulas de aplicação apenas 18 alunos compareceram e somente 16 permaneceram até o final das aulas.

Dessa forma, antes do primeiro contato com a escola, a equipe formada por três estagiários, promoveu alguns encontros para elaborar e discutir um plano de aula que serviu de roteiro para o andamento das aulas naquela turma. Assim, o nosso plano de aula foi elaborado para 4 horas/aula, na qual, trabalhamos o artigo de opinião e o uso dos conectivos, especificamente as conjunções, na construção de sentido textual.

Para tanto, o objetivo geral contido no plano de aula foi utilizar os conectivos na construção argumentativa do artigo de opinião, visto que como a turma era do 3º ano, foi importante trabalhar a construção textual, por ser algo oportuno para a preparação para a prova do Enem, pois, as aulas foram aplicadas no dia 25 de

outubro de 2018. As atividades propostas foram organizadas em três etapas, sendo que cada estagiário ficaria responsável para ministrar uma das fases.

O assunto da aula, as conjunções, foi escolhido por ser adequado para a série em questão, e tratamos dele por meio de um método que promovesse uma aula mais interativa. Sendo assim, o tema foi abordado primeiramente de forma expositiva, seguida de discussão na turma e, para finalizar, houve um momento de produção textual, onde os alunos deveriam produzir um texto a partir dos seus conhecimentos de mundo em relação ao tema proposto (“O uso do celular em sala de aula”), além dos conhecimentos adquiridos no momento da exposição do assunto tratado nas aulas.

As aulas foram ministradas pelos estagiários Antônio, Rosidalva e Carmen, sendo que, na ocasião, cada um realizou a abordagem de um tópico. Assim, o estagiário Antônio deu início à atividade abordando o tema que seria discutido. Em seguida, ele fez uma breve discussão sobre o tema (“Os desafios do uso das novas tecnologias em sala de aula”).

Após a discussão, a estagiária Rosidalva abordou o tema referente ao artigo de opinião. Foram distribuídas cópias de um artigo com o tema “Os desafios do uso das novas tecnologias em sala de aula” (em anexo), o qual serviu de apoio para que todos acompanhassem a explicação. A estagiária apresentou e explicou para a turma os seguintes tópicos: estrutura, linguagem e temática de um artigo de opinião.

Por fim, a estagiária Carmen entregou para cada aluno uma cópia de um quadro contendo as principais conjunções utilizadas na construção de sentido do texto artigo de opinião (concessiva; causal; final; conclusiva; conformativa; explicativa e aditiva) (em anexo). Após explicar as conjunções (tipos e funções), a estagiária escreveu no quadro uma atividade que tinha o objetivo de verificar se os alunos haviam compreendido o assunto. Esse exercício demandava que os alunos preenchessem as lacunas adequadamente com algumas conjunções que foram distribuídas entres eles.

Em seguida, a estagiária solicitou aos alunos que produzissem um texto (artigo de opinião) a partir de tudo o que foi exposto. Ressaltou-se ainda, que, para a construção de um texto coerente e coeso, os alunos deveriam utilizar adequadamente os conectivos. Vale lembrar que todos os alunos tinham a possibilidade de visualizar um quadro contendo as principais conjunções.

Além da atividade realizada com a turma para a coleta de dados, a equipe de estagiários procurou se aproximar mais dos alunos para que estes pudessem

compreender melhor as dificuldades e seus conhecimentos a respeito do assunto exposto. Por isso, a aula mencionada foi de grande relevância para que os objetivos propostos para esta pesquisa pudessem ser alcançados.

3. ANÁLISE

Nesta sessão, serão apresentadas as análises dos textos produzidos pelos alunos. Primeiramente, há a apresentação das características gerais dos dados envolvidos na pesquisa, tais como a descrição sobre escola, turma e número de estagiários. Em seguida, explica-se de que forma a pesquisa foi aplicada, destacando detalhes como o tema escolhido pela equipe para ser trabalhado em sala de aula, tendo em vista a produção textual.

Posteriormente, explicam-se a forma de seleção dos textos analisados e quais os critérios para tal procedimento. Mostra-se também um quadro geral que destaca as conjunções utilizadas nos textos selecionados, o qual salienta ainda se o uso pôde ser considerado adequado ou não. O tópico seguinte volta-se para discussões específicas para cada um dos textos selecionados, mostrando suas principais características, dificuldades, erros e acertos.

3.1 Características gerais dos dados

Como visto no capítulo anterior, na escola de Castanhal/PA onde a pesquisa foi aplicada, os estagiários discutiram junto aos alunos de 3º ano do Ensino Médio a respeito das características do artigo de opinião e o uso dos conectivos, que são um dos pontos centrais de interesse deste estudo. Devido ao fato de nossa proposta tratar-se de uma análise da construção argumentativa feita por alunos da instituição escolar abordada, nossa atenção está voltada ao uso dos conectivos por parte destes estudantes.

Feita a apresentação das principais conjunções utilizadas para dar sentido ao texto, a turma recebeu a tarefa de construir textos baseados no tema “O uso do celular em sala de aula”, tendo em vista que os alunos já haviam armazenado informações a respeito do tema durante a discussão com os estagiários sobre a utilização de tecnologias no âmbito escolar.

A análise de resultados constitui-se em nosso esforço em verificar se os estudantes entendem a função dos elementos (conectivos) e sabem utilizá-los de maneira adequada. Para a análise em si, selecionamos 07 (sete) textos produzidos pelos alunos, por se tratarem de escritas mais extensas e elaboradas. Nesse

sentido, foi feita a verificação detalhada dos elementos constituintes desses textos de forma que fosse possível afirmar se havia coerência e coesão nos mesmos, levando em consideração a utilização dos conectivos.

De modo geral, os sete textos produzidos pelos alunos que serviram como base para sustentar a análise aqui proposta, possuíam características em comum (comparado aos demais textos), tais como uma extensão entre 12 e 19 linhas, maior presença de argumentos prós e contra a utilização de celular em sala de aula, melhor organização sequencial de ideias e maior coerência, o que possibilita um entendimento mais fácil em relação ao conteúdo que fora escrito.

Tendo tais informações como ponto de partida, resolvemos construir um quadro com as conjunções utilizadas pelos alunos nos textos coletados. Os conectivos foram elencados de forma quantitativa, verificando-se ainda se seu uso poderia ser considerado adequado ou não de acordo com as regras gramaticais da Língua Portuguesa.

QUADRO 6 – ADEQUAÇÃO DAS CONJUNÇÕES UTILIZADAS PELOS ALUNOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA

Texto	Conectivo	Adequação
Texto 1	“mas” (02 vezes)	Adequado (02) / inadequado (00)
	“que” (02 vezes)	Adequado (02) / inadequado (00)
	“e” (05 vezes)	Adequado (01) / inadequado (04)
	“porque” (01 vez)	Adequado (01) / inadequado (00)
Texto 2	“que” (01 vez)	Adequado (01) / inadequado (00)
	“mas” (01 vez)	Adequado (01) / inadequado (00)
	“porque” (02 vezes)	Adequado (02) / inadequado (00)
	“pois” (02 vezes)	Adequado (02) / inadequado (00)
Texto 3	“pois” (02 vezes)	Adequado (02) / inadequado (00)
	“mas” (01 vez)	Adequado (01) / inadequado (00)
	“além disso” (01 vez)	Adequado (01) / inadequado (00)
	“entretanto” (01 vez)	Adequado (01) / inadequado (00)
Texto 4	“no entanto” (01 vez)	Adequado (01) / inadequado (00)
	“portanto” (01 vez)	Adequado (00) / inadequado (01)
Texto 5	“já que” (01 vez)	Adequado (01) / inadequado (00)
	“porém” (01 vez)	Adequado (01) / inadequado (00)
	“que” (01 vez)	Adequado (01) / inadequado (00)
	“e” (01 vez)	Adequado (01) / inadequado (00)

Texto 6	“e” (03 vezes) “pois” (01 vez) “porém” (01 vez) “mas” (01 vez)	Adequado (01) / inadequado (02) Adequado (01) / inadequado (00) Adequado (00) / inadequado (01) Adequado (00) / inadequado (01)
Texto 7	“mas” (01 vez) “porém” (01 vez) “além disso” (01 vez) “e” (02 vezes)	Adequado (01) / inadequado (00) Adequado (01) / inadequado (00) Adequado (01) / inadequado (00) Adequado (00) / inadequado (02)

Fonte: SOUSA, 2019.

Como é possível observar no quadro disposto, o conectivo mais utilizado nos textos dos alunos envolvidos na pesquisa trata-se do “e”, totalizando onze usos. O conectivo “e”, que expressa ideia de adição, apesar do índice alto de ocorrência foi utilizado corretamente em apenas três momentos. Sendo assim, ao mesmo tempo em que é o mais recorrente na escrita dos estudantes, este conectivo também foi o usado inadequadamente mais vezes.

Em relação ao conectivo mais utilizado de forma adequada, constatou-se que houve a predominância do “pois”. Apenas três alunos utilizaram desse conectivo, porém todos usaram de forma adequada, totalizando cinco ocorrências. Assim, nos textos analisados, os alunos apresentaram um domínio de como utilizar esse conectivo, pois por meio do uso desta conjunção fizeram a relação necessária e de forma correta entre as explicações em seus textos. O “mas” apareceu seis vezes nos textos, mas apenas quatro utilizações foram corretas. Isso quer dizer que ainda não há um domínio satisfatório desse conectivo, tendo em vista que sua aplicação é muito simples (usado com teor adversativo, para contrapor ideias, etc.).

A conjunção “que” totalizou quatro ocorrências, sendo todas adequadas, de modo que entendemos que não há problemas por parte dos alunos em saber o momento certo de aplicá-la nos textos. Em seguida, vê-se “porque” (usado adequadamente todas as vezes) e “porém” (com um uso inadequado) utilizados por três vezes, o que significa que tal conjunção explicativa possui um entendimento maior dos alunos que a conjunção adversativa. O “além disso” teve duas ocorrências, ambas adequadas, mostrando que os alunos conseguiram absorver corretamente a função desse conectivo. Os conectivos usados apenas uma vez foram “já que” (adequado), “no entanto” (adequado), “portanto” (inadequado) e “entretanto” (adequado), o que significa que, apesar de sua pouca ocorrência, os

alunos possuem o domínio em relação a função adequada da maior parte desses conectivos.

Enquanto mecanismos responsáveis pela coesão (KOCH, 2005), no que se refere à sua presença no texto, os conectivos servem para articular ideias e informações no momento da construção textual. A partir dessa análise geral, entendemos que a coesão, de fato, se apresenta nos textos dos alunos, embora ainda haja a ocorrência de usos inadequados em algumas passagens dos textos. É um assunto que ainda precisa ser mais trabalhado junto a essa turma de modo que os textos possam melhorar, no que tange à construção de sentido por meio dos elementos coesivos. Por esse motivo, os alunos devem ter em mente que as produções textuais consideradas coerentes precisam apresentar uma lógica, o que é permitido por meio do uso adequado das conjunções.

3.2 Discussões específicas de textos selecionados para análise

Para uma análise mais detalhada, fizemos a escolha de três textos. Para dar início, adiante podemos contemplar o conteúdo do Texto 01 (original anexo) de forma transcrita e literal, a fim de facilitar a leitura de seu conteúdo. Este mesmo procedimento foi feito com os outros dois textos que serão apresentados na sequência.

TEXTO 01

“Bem no meu entendimento sobre esse assunto, eu acho que o uso de tecnologias dentro de sala de aula poderia até trazer seus benefícios, mas também iria trazer seu ponto negativo onde vou citar algumas coisas no decorrer do texto, mas antes disso vou comentar mais sobre esse tema. Ao decorrer da minha carreira como estudante venho observando que o uso de celulares só vem crescendo dentro das escolas e acredito que isso tenha prejudicado o aprendizado dos jovens e também tem tirado a paciência de muitos professores.

Agora vou citar os pontos positivos e negativos do uso de tecnologia dentro da sala de aula:

Pontos positivos: iria melhorar porque quando o professor pedisse pros alunos realizarem trabalhos de pesquisa dentro da sala se tornaria mais fácil. Também poderiam usar dicionários ou livros virtuais e também calculadora para

realizar trabalhos de matemática.

Pontos negativos: tiraria a concentração dos alunos durante a aula, ficariam escutando músicas e atrapalhando os professores e também outros alunos, e também ao invés de escrever o que tá no quadro eles só tiram foto e pronto acabou.”

QUADRO 7 – CONECTIVOS UTILIZADOS NO TEXTO 01

Texto	Conectivo	Adequação
Texto 01	“mas” (01 vez) “que” (02 vezes) “e” (05 vezes) “porque” (01 vez)	Adequado (01) / inadequado (00) Adequado (02) / inadequado (00) Adequado (01) / inadequado (04) Adequado (01) / inadequado (00)

Fonte: SOUSA, 2019.

No início do texto, “poderia até trazer seus benefícios, *mas também* iria trazer seu ponto negativo”, o estudante fez uso da conjunção aditiva “mas também”, a qual, consideramos empregada de modo adequado, uma vez que, segundo Bechara (2015), essa conjunção é para enfatizar a adição de outra ideia a oração principal. Nesse contexto, o aluno usou a conjunção para indicar a relação entre a tecnologia presente na sala de aula como algo benéfico e que detém pontos negativos ao mesmo tempo. Em seguida, o estudante utilizou novamente o “mas” (“vou citar algumas coisas no decorrer do texto, *mas* antes disso vou comentar mais sobre esse tema”) novamente de forma adequada.

Aparece ainda por duas vezes o “que” nos trechos (“eu acho *que* o uso de tecnologias dentro de sala de aula poderia até trazer seus benefícios” / “...venho observando *que* o uso de celulares só vem crescendo dentro das escolas...”), como conjunção coordenada (explicativa), o qual foi utilizado de forma adequada. Ainda no primeiro parágrafo, o uso do “e” (“...e acredito que isso tenha prejudicado o aprendizado dos jovens e também tem tirado a paciência de muitos professores.”) denota acréscimo de informações, pois de acordo com Koch (2005), as conjunções aditivas são responsáveis por manter uma relação de conexão entre os termos da oração por meio da adição, as quais, contribuem com a coerência do texto.

Ainda ao citar usos adequados, o aluno usou o conectivo “porque” (“iria melhorar *porque* quando o professor pedisse pros alunos realizarem trabalhos de

pesquisa dentro da sala se tornaria mais fácil”) para explicar quais as melhorias que a tecnologia traria para o ambiente escolar, por isso, consideramos que o uso da conjunção foi adequado. Entretanto, no último tópico do texto, aparece o “e” repetidas vezes, sendo que o aluno poderia ter utilizado outros conectivos que estavam contidos no quadro, ou, utilizar a vírgula ou ponto e vírgula, uma vez que na oração em que aparece o conectivo “e”, denota sentido de enumeração. Nesse sentido, entendemos que a recorrência do conectivo “e” exprime o que chamamos de marca da oralidade.

Diante disso, observamos que, embora o aluno tenha utilizado as conjunções de modo adequado em boa parte do texto, o primeiro parágrafo foi exaustivo por sua extensão. Além disso, o aluno não apresentou na introdução o contexto e a relevância do problema que seria discutido, comprometendo, assim, a organização estrutural do texto e, conseqüentemente, sua coesão e coerência.

No que se refere à construção argumentativa, o aluno apresentou conhecimentos sobre o tema discutido, tendo em vista que soube definir tanto os aspectos positivos quanto negativos. No entanto, as falhas de cunho gramatical acabam fazendo com que algumas passagens fiquem redundantes, como no caso da repetição do “mas” no primeiro parágrafo e o “e” repetidas vezes no último parágrafo, além disso, o aluno desenvolveu seu texto em tópicos, o que tornou seus argumentos pouco estruturados. Desse modo, o aluno acaba não sendo objetivo e direto em relação à questão que deseja tratar, o que, compromete parcialmente a atividade de leitura do interlocutor.

Nesse sentido, as cadeias coesivas, termo utilizado por Koch (2005), do texto 01 não atingiram ainda aquilo que seria ideal, ou seja, uma progressão textual por meio da introdução de informações interligadas por meio dos conectivos. É necessário então que esse aluno exercite mais sua escrita, de forma que o sentido de seu texto venha a se tornar mais evidente e tenha suas informações processadas de imediato pelo leitor, momento em que poderá finalmente denotar coerência.

TEXTO 02

“No mundo em que vivemos hoje a tecnologia é a sensação, todo mundo tem algo que é tecnológico como: um celular, um tablet ou um computador. A verdade é que todo mundo está conectado.

Mas uma coisa que tem sido muito comentado é o uso do celular em sala de

aula, muitos não concordam porque acham que atrapalharia a rotina dos alunos em sala de aula, acham que os alunos não se dedicariam a aprender o conteúdo dado pelos professores, pois hoje em dia com a internet é muito fácil ter acesso a qualquer tema desejado.

O uso da tecnologia em sala de aula seria um grande avanço, pois tornaria uma aula com acessos a várias informações ao mesmo tempo, mudaria a rotina da aula para melhor, porque os professores poderiam usar vários trabalhos usando a internet fazendo com que os alunos fossem mais participativos.”

QUADRO 8 – CONECTIVOS UTILIZADOS NO TEXTO 02

Texto	Conectivo	Adequações
Texto 02	“que” (01 vez) “mas” (01 vez) “porque” (02 vezes) “pois” (02 vezes)	Adequado (01) / inadequado (00) Adequado (01) / inadequado (00) Adequado (02) / inadequado (00) Adequado (02) / inadequado (00)

Fonte: SOUSA, 2019.

No parágrafo referente à introdução, o aluno empregou o “que” de forma adequada, uma vez que utilizou como conjunção subordinativa (“A verdade é *que* todo mundo está conectado”) para indicar a dependência dos termos na oração. Em seguida, o estudante utilizou o conectivo “mas” para iniciar o próximo parágrafo (“Mas uma coisa que tem sido muito comentado é o uso do celular [...]”), o qual de acordo com Bechara (2015) exprime a ideia de oposição em relação ao que foi dito anteriormente. Nesse contexto, a conjunção foi empregada de modo inadequado, uma vez que não há um contraste de ideias. Nesse caso, observamos que, embora o aluno tenha contextualizado e discutido o tema na introdução, não usou adequadamente um elemento de sequencialização, ou seja, ele não atentou para os mecanismos de coesão.

Sendo assim, o estudante não seguiu uma sequência lógica da ideia que pretendia discutir ao longo do texto, podendo fazer com que o leitor encontre dificuldade para interpretar o ponto de vista do produtor do texto em questão. Em seguida (“muitos não concordam *porque* acham que atrapalharia a rotina dos alunos em sala de aula”), percebe-se a presença do “porque” para justificar o fato de

algumas pessoas não concordarem com o uso do celular em sala de aula e, mais adiante (“...pois hoje em dia com a internet é muito fácil ter acesso a qualquer tema desejado.”), o “pois” para explicar mais informações dadas sobre o tema. Nestas passagens os conectivos explicativos tiveram uma boa aplicação, tendo em vista a necessidade de esclarecer o que estava sendo discutido pelo aluno.

Embora se trate de um texto menos extenso, quando comparado ao texto 01, o aluno produtor do texto 02, conseguiu apresentar pontos de vista em relação ao tema em questão (“O uso do celular em sala de aula”), apresentou e defendeu seus argumentos, o estudante desenvolveu seu texto em terceira pessoa. De acordo com Bräkling (2002), uma das principais características desse tipo de artigo, o discurso em primeira e terceira pessoa. Logo, os elementos apresentados e alinhados às conjunções adequadas acabam enriquecendo o discurso ao longo da estrutura escrita.

TEXTO 03

“O celular sendo usado em sala de aula é algo visto de longe pois seria algo fora do “tradicional livro”, mas convém demais para ser uma ferramenta opcional em sala de aula.

O celular ajuda o aluno a ter mais facilidade para obter pesquisas referente a conteúdo pedido pelo educador. Além disso, dá mais interação ao aluno e buscar algo bem concreto com poucas dúvidas e assuntos imediatos com bastante clareza.

Entretanto, destacar o respeito do aluno ao seu educador, pois o aluno deve ter consciência (sic) e ética no momento que for utilizar o celular para não haver desvios de atenção na hora em que estiver tratando de atividade em sala de aula.

Sendo assim, o uso do celular pode ser conveniente e ser tratado como algo positivo pois facilitaria o aprendizado e abriria portas para um novo sistema de ensino.

Seria uma mudança viável com grandes resultados positivos para a sociedade.”

QUADRO 9 – CONECTIVOS UTILIZADOS NO TEXTO 03

Texto	Conectivo	Adequações
Texto 03	<p>“pois” (02 vezes) “mas” (01 vez) “além disso” (01 vez) “entretanto” (01 vez)</p>	<p>Adequado (02) / inadequado (00) Adequado (01) / inadequado (00) Adequado (01) / inadequado (00) Adequado (01) / inadequado (00)</p>

Fonte: SOUSA, 2019.

Logo no início do texto, no trecho (“...*pois* seria algo fora do “tradicional livro”) pode-se perceber a presença da conjunção “pois” (explicativa), a qual o estudante utilizou para explicar ao leitor o motivo pelo qual o “celular” é algo que muitos não aceitam como ferramenta para ser utilizada em sala de aula. Ainda no mesmo parágrafo, o aluno utilizou o conectivo “mas” (conjunção adversativa), que exprime a ideia de oposição em relação à oração anterior (“seria algo fora do 'tradicional livro', *mas* convém demais para ser uma ferramenta opcional em sala de aula”). Embora percebemos que ambas foram aplicadas de forma adequada, já que as conjunções permitem a interação entre as partes da oração, o parágrafo não deixa claro o ponto de vista que o aluno irá defender nos próximos parágrafos do desenvolvimento. Assim, o aluno poderia ter contextualizado o tema nesse parágrafo. O conectivo aditivo “além disso” foi empregado de forma adequada (“*Além disso*, dá mais interação ao aluno...”) pois, o aluno utilizou para incluir mais um benefício sobre o tema em questão.

Após destacar os benefícios da presença do celular nas aulas, faz-se uso do “entretanto” para acrescentar uma ressalva sobre a consciência do aluno (“*Entretanto*, destacar o respeito do aluno ao seu educador [...]”). Na penúltima oração do texto poderia haver substituição da locução “sendo assim” pelo conectivo “portanto” caso o aluno desejasse utilizar uma conjunção, mas nada que viesse a mudar o sentido do que ele emitiu em sua escrita. Houve também o emprego do “pois” para explicar o lado positivo do celular em sala de aula, o que sem dúvida é um procedimento adequado em relação ao uso de conectivos.

Como um dos elementos fundamentais para ocasionar coesão e coerência no texto escrito, era necessário que houvesse uma melhor articulação (VAL, 2006) no âmbito das ideias apresentadas pelo estudante. O pensamento desse aluno precisava estar mais organizado no texto, já que o problema não foi a falta de

argumentos, mas sua falta de precisão no que tange ao aproveitamento do uso dos conectivos em benefício de sua escrita.

Na próxima sessão, apresentaremos as considerações finais, na qual salientamos algumas reflexões a partir dos resultados obtidos ao longo da pesquisa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, existem várias dificuldades por parte dos alunos quanto ao entendimento dos conteúdos de Língua Portuguesa, o que se reflete na rotina escolar e na vida pessoal deles, visto que isso desencadeia uma série de equívocos quando os sujeitos se veem diante da necessidade de uma produzir um texto. Escrever de forma compreensível, no caso, pode simbolizar uma tarefa árdua, no momento em que o conteúdo necessário para a apreensão deste conhecimento não é repassado de forma efetiva.

Um dos principais instrumentos de trabalho dos professores da disciplina de Língua Portuguesa, nas escolas, é o texto. O aprendizado de conceitos, a apresentação de informações mais recentes e a comparação entre diversas perspectivas e argumentações são elementos que saem do plano teórico para o plano da prática por meio dos textos. Por isso, na escola, os alunos precisam ter a oportunidade de estabelecer uma relação mais próxima com tais práticas textuais.

A produção textual demanda mais do que um procedimento que envolve somente um conjunto de palavras; faz-se necessário que elas estejam conectadas entre si, estabelecendo a tessitura entre cada uma das partes do texto, estabelecendo sentido e tornando um conjunto harmônico e coerente.

Partindo dessas considerações, esta pesquisa teve como objetivo geral o ato de refletir sobre o papel dos conectivos na construção argumentativa em textos de alunos de uma turma do 3º ano do Ensino Médio, de uma escola pública estadual situada em Castanhal/PA. A partir do objetivo geral, selecionamos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Identificar as principais conectivos utilizados nos textos dos alunos;
- 2) Analisar a adequação dos conectivos nos textos produzidos pelos alunos;
- 3) Verificar a relação entre o uso dos conectivos e o domínio argumentativo desses alunos.

A partir dos dados coletados e analisados, alcançamos nossos objetivos específicos, os quais apresentaremos consecutivamente. No que se refere o primeiro objetivo específico, que foi Identificar os principais conectivos utilizados nos textos dos alunos, identificamos que os principais conectivos utilizados foram: “e”, “mas”, e “pois”. Vale salientar que, o “e” foi o conectivo mais utilizado nos textos dos alunos envolvidos na pesquisa, totalizando onze ocorrência, embora o índice alto de utilização, esse conectivo foi utilizado apenas três vezes adequadamente. Em

seguida, o conectivo “mas” teve seis ocorrências, sendo que, utilizaram somente quatro vezes de forma adequada. E por fim, o conectivo “pois” foi utilizado cinco vezes, todas de forma adequada.

No que se refere o segundo objetivo específico, analisar a sua adequação nos textos produzidos pelos alunos, alcançamos esse objetivo, conforme o quadro 6 (p. 40), em que a apresentamos a análise geral dos sete textos. Assim observamos que os conectivos utilizados de forma adequada, em linhas gerais, foram os que tiveram apenas uma ocorrência.

Por fim, o último objetivo específico que foi, verificar a relação entre o uso dos conectivos e o domínio argumentativo desses alunos, verificamos que, no que se refere a construção argumentativa, os alunos apresentaram domínio sobre o tema discutido, porém, o uso inadequado de alguns conectivos, comprometeram a organização estrutural do texto e conseqüentemente, a coesão e coerência.

A partir dos objetivos específicos alcançados, atingimos nosso objetivo geral que foi, o ato de refletir sobre o papel dos conectivos na construção argumentativa em textos de alunos de uma turma do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual situada em Castanhal/PA e conseqüentemente respondemos nossa pergunta de pesquisa: Qual o papel dos conectivos na construção argumentativa dos alunos de Ensino Médio?

Assim, identificamos que o domínio da escrita desses alunos é muito baixo, o que culmina em sérios problemas em relação à construção argumentativa (utilização dos conectivos). Nesse sentido, com relação à aprendizagem, obtém-se como resultado uma reflexão extremamente relevante sobre o modo como está sendo desenvolvida a produção escrita de alunos do Ensino Médio da escola pesquisada.

Assim, ratificamos que trabalhar os conectivos requer uma atenção maior dos professores em relação às aulas que envolvem o trabalho com a escrita, principalmente em turmas do Ensino Médio. Podemos afirmar que o trabalho com a produção textual é algo muito importante, mas que precisa ser repensado nas escolas públicas com certa urgência. A escrita com o uso inadequado dos mecanismos de coesão e coerência fica comprometida completamente, pois o autor do texto não consegue repassar a ideia de modo inteligível ao receptor.

Portanto, aprimorar a prática da escrita dos alunos do Ensino Médio, especialmente no que se refere à construção argumentativa, é algo que precisa ser pensado imediatamente para que, no futuro, os alunos se tornem cidadãos prontos para os desafios que deverão enfrentar ao longo de suas vidas, visto que os

problemas causados pela falta de coerência nas redações produzidas em sala de aula podem ser debatidos com mais clareza pelos professores, criando assim uma ponte de aprendizagem dentro da sala de aula, visto que a qualidade de uma redação é, sem dúvida, afetada por conta do uso inadequado de conectivos.

Esperamos que esta pesquisa venha contribuir de alguma forma para auxiliar professores que pretendam fazer a diferença em relação ao ensino da produção textual, nas escolas públicas e na vida de muitos jovens/estudantes. Nesse sentido, um ensino reflexivo sobre esse tema poderá ser o primeiro passo para uma escrita mais coesa e coerente por parte do aluno. Vale ressaltar que essa pesquisa, como todo estudo, não se conclui aqui, podendo servir ainda como inspiração para futuros pesquisadores que queiram dar continuidade à discussão e abordagem do tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUGRANDE, R. A.; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1983.

BECHARA. Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 38 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BOFF, ODETE M. B.; KÖCHE, VANILDA S.; MARINELLO, ADIANE F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. **ReVEL**, vol. 7, n. 13, p. 1-12, 2009.

BRÄKLING, Kátia Lomba. Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN**. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002, p. 221-247.

CHAROLLES, M. Coherence as a principle in the regulation of discursive production. In: W. HEYDRICH, F. NEUBAUER, J. PETÖFI, & E. SÖZER (eds.). **Connexity and coherence**. Berlin: De Gruyter, 1989.

ERICKSON, F. Ethnographic description. In: AMMON, U., DITTMAR, N.; MATHIER, K. (eds.) **An international handbook of the science of language and society**. v. 2. New York: Walter de Gruyter, 1988.

GARCIA, Ana Luiza. O tema da conversa é Artigo de Opinião. **Escrevendo o Futuro**, 28 de junho de 2010. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/entrevistas/artigo/1160/o-tema-da-conversa-e-artigo-de-opiniao> . Acesso em: 10 jan. 2018.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Sentido, Sujeito e Memória. Com o que sonha nossa vã autoria. In: GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (Orgs.). **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. 2 ed. São Carlos: Clara Luz, 2003.

GRICE, H. P. Logic and Conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. (eds.). **Pragmatics (Syntax and Semantics)**, v. 9. Nova York: Academic Press, 1975.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

KOCH, Ingedore Villaça. **A Inter-Ação pela Linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **O Texto e a Construção dos Sentidos**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A Coerência Textual**. São Paulo: Contexto. 1990.

_____. **A Coerência Textual**. 6 ed. São Paulo: Contexto. 1995.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

_____. A. **Produção Textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NASCIMENTO, Francisco Paulo. **Metodologia da Pesquisa Científica: teoria e prática – como elaborar TCC**. Brasília: Thesaurus, 2016.

RODRIGUES, Adriano Duarte. A interação verbal. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, São Leopoldo-RS, v. 1, n° 1, p. 14-26, jan./jul. 2013.

SILVA, Sílvio Ribeiro da. A interação verbal na aula de Português: o exercício da linguagem na sala de aula. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí-GO, v. 1, n. 6, p. 1-17, jan./jul. 2009.

UBER, Terezinha de Jesus Bauer. **Sequência didática**: artigo de opinião. 27 f. Material Didático (Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE) - Secretaria do Estado de Educação do Paraná. Universidade Estadual de Maringá, Santa Isabel do Ivaí, 2008.

VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e Textualidade**. 3 ed. Martins Fontes, 2006.

WIDDOWSON, H. G. **Teaching language as communication**. Oxford: Oxford University Press, 1978.

ANEXOS

Figura 01: Texto 01

Bem no meu entendimento sobre esse assunto, eu acho que o uso de tecnologias dentro de sala de aula poderia até trazer seus benefícios, mas também iria trazer seu ponto negativo onde vou citar algumas coisas no decorrer do texto, mas antes disso vou comentar mais sobre esse tema. Ao decorrer da minha carreira como estudante venho observando que o uso de celulares só tem crescido dentro das escolas e acredito que isso tenha prejudicado o aprendizado dos alunos e também tem tirado a paciência de muitos professores.

Agora vou citar os pontos positivos e negativos do uso de tecnologia dentro da sala de aula:

• **Pontos positivos:** Tinha melhoras pra que quando o professor pedisse para alunos realizarem trabalhos de pesquisa dentro da sala se tornaria mais fácil. Também poderiam usar dicionários ou livros virtuais e também calculadora para realizar trabalhos de matemática.

• **Pontos negativos:** Tinha a concentração dos alunos durante a aula, ficam escutando músicas e atrapalhando os professores e também outros alunos, e também ao invés de esquecerem o que tá no quadro eles só tiram foto e pronto acabou.

Figura 02: Texto 02

No mundo em que vivemos hoje a tecnologia é a sensação, todo mundo tem algo que é tecnológico como: um celular, um tablet ou um computador. A verdade é que todo mundo está conectado.

Mas uma coisa que tem sido muito comentado é o uso do celular em sala de aula, muitos não concordam porque acham que atrapalharia a retina dos alunos em sala de aula, acham que os alunos não se dedicariam a aprender o conteúdo da do pelos professores, pois hoje em dia com a internet é muito fácil ter acesso a qualquer tema desejado.

O uso da tecnologia em sala de aula seria um grande avanço, pois tornaria uma aula com acesso a várias informações ao mesmo tempo, mudaria a rotina da aula para melhor, porque os professores poderiam usar vários trabalhos usando a internet fazendo com que os alunos fossem mais participativos.

Figura 03: Texto 03

O celular sendo usado em sala de aula é algo visto de longe pois seria algo fora do "tradicional livro", mas também demais para ser uma ferramenta opcional em sala de aula.

O celular ajuda o aluno a ter mais facilidade para obter pesquisas referente ao conteúdo pedido pelo educador. Além disso, dá mais interação ao aluno e fornece algo bem concreto com poucas dúvidas e assuntos imediatos com bastante clareza.

Entretanto, destaca o respeito do aluno ao seu educador, pois o aluno deve ter consciência e ética ao momento que for utilizar o celular para não haver demoras de tempo, na hora em que estiver tratando de atividades em sala de aula.

Sendo assim, o uso do celular pode ser benéfico, e ser tratado como algo positivo pois facilita o aprendizado e abre portas para um novo sistema de ensino.

Seria uma mudança radical com grandes resultados positivos para a sociedade.

Figura 04: Texto 04

Hoje em dia na era digital é muito comum quase todas as pessoas terem acesso a internet através de celulares, tablets, computadores etc...

No entanto são poucas as pessoas que não tem acesso a tecnologia devido alguma dificuldade ou por desinteresse mesmo.

Na escola é muito comum os alunos usarem aparelho celular com acesso a internet.

Portanto na minha opinião seria muito interessante se os professores e diretores aproveitassem e incentivassem os alunos a estudar através da tecnologia nas salas de aula com total acesso a internet com muito incentivo e programação para uma boa aula eu sei que daria certo.

Figura 05: Texto 05

O celular sendo usado em sala de aula é algo visto de longe pois seria algo fora do "tradicional livro", mas com um domo para ser uma ferramenta opcional em sala de aula.

O celular ajuda o aluno a ter mais facilidade para obter pesquisas referente ao conteúdo pedido pelo educador. Além disso, dá mais interação ao aluno e busca algo um pouco mais concreto com poucas dúvidas e assuntos imediatos com bastante clareza.

Entretanto, destaca o respeito do aluno ao seu educador, pois o aluno deve ter consciência e ética ao momento que for utilizar o celular para não haver discussões de ódio, na hora em que estiver tratando de ótimas ideias em sala de aula.

Sendo assim, o uso do celular pode ser benéfico, e ser tratado como algo positivo pois facilita o aprendizado e abre portas para um novo sistema de ensino.

Seria uma mudança radical com grandes resultados positivos para a sociedade.

Figura 06: Texto 06

! Com o avanço da tecnologia no século XXI, facilitou o meio de comunicação entre as pessoas, troca de informações e encurtou a distância entre elas e a tecnologia pode ajudar os alunos nas escolas.

A inteligência artificial é o assunto muito falado, pois ele está no nosso futuro ajudando as pessoas com seus trabalhos, cuidando de empresas, tecnologia é muito falado nos tempos atuais podemos utilizá-la muito bem para mais benefícios.

Também a tecnologia tem seus prós mas também tem os contras como pode ser algo perniciosa pode se tornar muito perigosa em mãos erradas por exemplo os armas químicas fazem criação de tecnologia e faz algo que prejudicou muito a população.

Então tecnologia pode ser aplicado na escola.

Figura 07: Texto 07

A UTILIZAÇÃO DE APARELHOS ELETRÔNICOS
PODE SER ÚTIL E TAMBÉM DESNECESSÁRIA,
MAS PODE SER ALGO A SE LEVARO PARA UM
BOM OBJETIVO.

PORÉM, EM CONSEQUÊNCIA DE SER ALGO DO
NOSSO DIA-A-DIA ACABAMOS DEIXANDO O USO DA
TECNOLOGIA, NÓS TRABALHAR EM MOMENTOS QUE
DEVEMOS ESTAR CONCENTRADOS, TAMBÉM MUITAS
VEZES ESQUECEMOS DE UTILIZÁ-LO AO
NOSSO FAVOR COMO ALUNOS EM ST.

ALÉM DISSO, AS INFORMAÇÕES ESTÃO NA PAL
MA DA MÃO, E DEVEMOS APRENDER A TER UM
BOM USO DELAS. E COM ISSO LEVAR O CONHE
CIMENTO AINDA MAIS DENTRO E FORA DAS
SALAS DE AULA.

EXEMPLOS DE CONJUNÇÕES UTILIZADAS PARA AUXILIAR OS ALUNO.

IDEIAS QUE EXPRESSAM	EXEMPLOS DE CONJUNÇÕES
Oposição	Mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, embora, muito embora, ainda que, conquanto, posto que, apesar de, a despeito de, não obstante;
Causa	Por, por causa de, em vista de, em virtude de, devido a, em consequência de, por motivo de, por razões de;
Finalidade	Para, a fim de, com o propósito de, com a intenção de, com o feito de, com o intuito de, com objetivo de;
Conclusão	Logo, portanto, então, assim, por isso, por conseguinte, pois, de modo que, em vista disso, dessa forma, sendo assim, desse modo;
Conformativa	De acordo, segundo, para;
Explicação	Porque, que, pois, porquanto, já que, uma vez que;
Adição	Além disso, também, ainda, bem como, ademais, e

MORAES; OHUSHI. O artigo de Opinião No Ensino E Aprendizagem Da Língua Materna. Anais III CIDS. 2014, P. 2407 .

TEXTO DE APOIO UTILIZADO NA AULA

Os desafios do uso das novas tecnologias em sala de aula

Com a era digital, diversas facilidades foram inseridas na sociedade. O uso do celular, do tablet, das redes sociais tornou-se extremamente comum no cotidiano, como forma de lazer e interação social. **Contudo, além** dessas utilidades, é possível aplicar a tecnologia na área da educação, dentro das salas de aula.

Em primeiro lugar, a educação é o principal mecanismo para a transformação social. **Segundo** Paulo Freire, “se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda”. **Desse modo**, qualquer incentivador a favor da educação é válido. **Assim**, a tecnologia pode proporcionar conhecimento de mundo e interdisciplinaridade, aumentando o interesse e o desempenho do aluno, unindo entretenimento com o aprendizado, sem tornar o modelo educacional tão exaustivo.

No entanto, pode contribuir para a dispersão da atenção do aluno, **pois** o mesmo pode acessar outro conteúdo sem ser o material educativo, exigindo uma fiscalização constante do educador. **Além disso**, pode culminar com a exclusão digital, como o caso de alunos e/ou professores que não possuem contato com o meio tecnológico, ou nem sabem como utilizá-lo, podendo causar constrangimento diante dos outros estudantes. **Ainda** há o contexto de “aldeia global”, que unifica o comportamento dos indivíduos através da internet, podendo fazer com que o estudante perca sua autonomia e seu senso crítico.

Portanto, fica claro que a tecnologia na sala de aula ainda enfrenta desafios. É fundamental que o Ministério da Educação, junto com a mídia, incentive os professores a utilizar a tecnologia na sala de aula, capacitando-os para a sua utilização, além de expor os seus prós e contras. **Ademais**, que os próprios alunos busquem uma melhor participação nas aulas, utilizando a tecnologia de forma benéfica para o conhecimento. **Com isso**, pode-se obter uma sociedade educadora e adepta a novas tecnologias.

https://enem.estuda.com/redacao_tema_envios/?id=1382

ATIVIDADE REALIZADA NA AULA.

- a) Tentei chegar mais cedo, porém, o ônibus atrasou.
- b) Não fui ao casamento por causa da chuva.
- c) Vou estudar para passar no Enem.
- d) O pneu do carro furou, por isso, não chegarei a tempo.
- e) De acordo com a professora Maria, a avaliação será na próxima semana.
- f) Os alunos tiraram boas notas porque estudaram.
- g) Entrei na sala, entreguei os documentos ao diretor, também falei sobre minhas férias.